

FOUCAULT LEITOR DE KANT: CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA INTERPRETAÇÃO DA ANTROPOLOGIA

MACIEL, Jeane Fullin¹; SANTOS, Robinson²

¹Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em Filosofia; ²Universidade Federal de Pelotas, Departamento de Filosofia. jeanefullin@hotmail.com. dossantosrobinson@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar alguns aspectos da leitura feita por Michel Foucault sobre a antropologia de Immanuel Kant na obra *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*. Este trabalho constituiu a sua tese complementar, desenvolvida entre 1959 e 1960, em Hamburgo.

A *Antropologia de um ponto de vista pragmático* de Kant foi publicada em 1798, mas foi elaborada a partir das preleções oriundas do curso autônomo sobre Antropologia ministradas ao longo dos anos 1772 e 1796.

É certo que desde os primórdios da humanidade o homem busca investigar a si próprio, compreender o que *faz, pode ou deve fazer de si mesmo*, e sobre isso tanto as obras de Kant quanto as de Foucault nos legaram referências extremamente fecundas. Dessa forma, este estudo justifica-se não só pela importância em investigar as contribuições de Kant e Foucault para a filosofia, mas também pelas reflexões propostas com relação à pergunta “*o que é o homem?*” em suas obras e a suas repercussões na contemporaneidade.

Nosso objetivo foi compreender como a ideia kantiana foi recebida e interpretada pelo pensador francês, procurando analisar e explicitar o fio condutor das reflexões (gênese e estrutura) que propiciaram o desenvolvimento dos temas e problemas propostos acerca do homem na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*.

Trata-se de uma temática relevante, que atualmente ainda é objeto de pesquisa de filósofos e especialistas de outras áreas do conhecimento, além de servir ainda de ponto de referência para fundamentar teses de alguns pensadores e estudiosos.

Salientamos aqui que as ideias apresentadas por Kant na Antropologia influenciaram, de forma poderosa, mas sutil, a sua forma de tratar a epistemologia, filosofia da mente, ética, estética e filosofia da história (WOOD, 2005, p. 26). E reforçando essa ideia destacamos ainda que no trabalho de Foucault percebe-se a ampliação deste estudo na obra *As palavras e as coisas* (1966).

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Este trabalho foi desenvolvido, a partir da leitura e fichamento das obras em questão, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, de Kant, e *Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant*, de Michel Foucault. O ponto de partida para esta pesquisa foi o trabalho desenvolvido para o seminário relacionado ao tema que tivemos no Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pelotas (2012/I).

O material de apoio de nossa pesquisa é bibliográfico. A metodologia consistiu na leitura e interpretação sistemática dos textos acima citados com o objetivo de compreender a antropologia kantiana. Desta forma, buscamos a análise conceitual e estrutural, sob a óptica da metodologia filosófica, das teses em questão.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de nossa pesquisa depreendemos que alguns pontos apresentados por Michel Foucault foram relevantes não apenas para situarmos nosso trabalho, mas refletiram a sua criteriosa avaliação da obra kantiana.

Destacamos que Foucault dividiu sua análise em quatro índices: as Reflexões (*Reflexionen*), as Anotações de Curso (*Kollegentwürfe*), a comparação dos períodos pré-crítico com o contemporâneo, e a confrontação com textos contemporâneos do domínio antropológico.

O filósofo francês realizou uma análise da obra de Kant sob a perspectiva genética e empregando o método estrutural. Ele salienta que por sua própria espessura, em sua presença definitiva e no equilíbrio de seus elementos, trata-se de um texto contemporâneo, mas com aproximações dos primeiros cursos de *Antropologia*. Foucault relaciona a *Antropologia* com outros textos de Kant, como as *Observações sobre o belo e o sublime* (1764), os *Ensaio sobre as doenças do espírito* (1764), os *Ensaio sobre as raças* (1775), a *Metafísica do Direito*, as cartas trocadas com Jakob Sigismund, Schützl e Hufeland, e as críticas, e aponta algumas teses coincidentes e outras que ao longo do tempo modificaram-se, dentre elas destacamos o reforço do lugar da antropologia e do conhecimento de si, o caráter pragmático da antropologia, e as questões pertinentes ao homem e a liberdade.

Ressaltamos que o estudo de Foucault envolvendo os textos kantianos: *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, a *Crítica da Razão Pura* e a *Crítica da Razão Prática*. E para ele a relação com a *Crítica* é paradoxal (2011, p. 77). Sobre a sistematização, ele diz que isso não quer dizer que ela anuncie tudo o que pode ser conhecido sobre o homem, mas que forma, enquanto conhecimento, um todo coerente que é emprestado do pensamento crítico. (FOUCAULT, 2011, p. 78).

4 CONCLUSÃO

A partir desta incursão na obra de Foucault supracitada, cumpre destacar os seguintes aspectos:

Primeiro, Foucault reconhece, no final de seu trabalho (2011, p. 97 s), que é bastante complexo determinar a rede de influências destes textos ou a exatidão de como a obra de Kant se insere na cronologia, especialmente pela ascendência do pensamento kantiano sobre a ciência, a fisiologia e a medicina, e pela demora na publicação da *Antropologia*, que permitiu a difusão das anotações dos estudantes. Ele sublinha que em muitos textos, publicados antes da *Antropologia*, há referência, explícita ou implicitamente, ao pensamento de Immanuel Kant, o que deixa claro ser impossível precisar a ordem das influências e das precedências.

Entretanto, Foucault, em seu comentário, destaca que alguns elementos que desde o início do curso até sua publicação são estáveis. Ele indica especialmente a influência de Baumgarten na *Antropologia*. E ideias semelhantes à encontrada na *Empirische Psychologie* de C. C. E. Schmidt.

Ademais, interessa-nos sua ponderação de que a *Antropologia Kantiana* possui uma tríplice imbricação do que precede a *Crítica*, daquilo que a realiza e daquilo que logo irá liquidá-la (FOUCAULT, 2011, p. 20).

Destacamos ainda quando Foucault classifica a *Antropologia* como uma obra “popular” por asseverar um conhecimento do mundo e do homem (2011, p. 83

s). E porque sua reflexão se situa no interior de uma linguagem dada, que ela torna transparente, sem reformar, e cujas particularidades mesmas são o lugar de nascimento legítimo das significações universais (2011, p. 92).

Importantíssima a colocação de Foucault de que a obra kantiana apresentou vários pontos marcantes, mas o núcleo da reflexão antropológica foi investigar e descrever não o que o homem é, mas o que ele, enquanto ser livre, pode fazer de si mesmo. E esclarecer que o homem coloca-se nas sínteses de sua ligação com o mundo, não sendo nem *homo natura*, nem sujeito puro de liberdade (2011, p. 45 s).

Merecem ênfases também os três questionamentos apresentados por Foucault acerca da problemática do *Gemüt* em sua reflexão: “1) *De que modo um estudo do Gemüt permite um conhecimento do homem enquanto cidadão do mundo?* 2) *Se é verdade que a antropologia, por seu lado, analisa o Gemüt, cujas faculdades fundamentais e irredutíveis comandam a organização das três Críticas, qual é então a relação do conhecimento antropológico com a reflexão crítica?* 3) *Em que a investigação do Gemüt e de suas faculdades se distingue de uma psicologia, quer racional, quer empírica?*” (FOUCAULT, 2011, p. 49)

Destaca-se também a longa análise sobre a linguística, onde entre outros pontos, há referência à questão do uso do latim. Nela, ele conclui que a obra em estudo trata-se uma espécie de idiomática geral, enraizada no sistema de expressão e de experiência alemão. E propõe que graças à linguagem o homem é o cidadão do mundo, pois através dela ele próprio atinge e realiza o universal concreto (FOUCAULT, 2011, p. 91).

Foucault conclui de modo relevante ainda que a *Antropologia* é “sistematicamente projetada” por uma referência à crítica que passa pelo tempo, e podia ainda constituir o momento da passagem à filosofia transcendental. Onde ocorre o nascimento legítimo das significações universais. E que “a análise do *Gemüt*, na forma do sentido interno, torna-se prescrição cosmopolítica, na forma da universalidade humana”. (2011, p. 92).

A *Antropologia* repete a *Crítica da Razão Pura* em um nível empírico onde já se acha repetida a *Crítica da Razão Prática*: o domínio do necessário é também o domínio do imperativo. (FOUCAULT, 2011, p. 93). Mas, ressalta que a empiricidade da *Antropologia* não pode fundar-se sobre si mesma; que ela só é possível a título da repetição da *Crítica*. Entretanto, a *Antropologia* estará submetida à *Crítica* enquanto conhecimento e enquanto exploração da finitude. No primeiro caso, por referir-se às condições que ela fixa e ao domínio de experiência que ela determina. No segundo, referindo-se às suas formas primeiras e não superáveis que a *Crítica* manifesta. (FOUCAULT, 2011, p. 106).

Relevante quando Foucault taxa a *Antropologia* como sendo, ao mesmo tempo, redutora e normativa. A primeira tendo em vista que só aceitará do homem aquilo que ele sabe de si mesmo pelo movimento da *Physis*, e não do *Selbstgefühl* [sentimento de si]. A segunda, por abranger todo o conhecimento do homem, que embora se apresente limitado, pois a medida é o homem (2011, p. 102 s).

Importante o ponto que nosso autor determina ainda que a *Antropologia* possui uma estrutura epistemológica que lhe é própria, pois será a ciência daquilo que funda e delimita para o homem o seu conhecimento (FOUCAULT, 2011, p. 104).

Ele fala, de forma bem pontuada, ainda do caráter marginal da *Antropologia* em relação a *Crítica*, pois esta tornou-se o essencial e o inessencial (2011, p. 107).

Nessa sequência, destacamos também a definição apresentada por Foucault: “*Antropologia é o caminho secreto que, na direção das fundações de nosso saber, religa, por uma mediação não refletida, a experiência do homem e a filosofia*” (2011, p. 110).

E, finalizando, consideramos útil quando Foucault conclui sua tese referindo-se ao paradoxo da ilusão antropológica.

Desta forma, concluímos este resumo, onde fomos chamados por Michel Foucault à análise de uma obra significativa, *Antropologia de ponto de vista pragmático*, com a certeza de que os trabalhos desses dois filósofos aqui analisados contribuíram, ao seu tempo, aos seus propósitos ao analisar as questões a cerca do homem, justificaram certamente nosso esforço nesta pesquisa.

E merece destaque, conforme já assinalamos acima, a forma bem colocada como Foucault interpretou o trabalho kantiano, pois a partir de suas análises conseguimos aprofundar nossas reflexões acerca da Antropologia de Kant, bem como responder nossos questionamentos aqui propostos.

5 REFERÊNCIAS

CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Gênese e Estrutura da Antropologia de Kant**. Trad. Márcio Alves da Fonseca & Salma Tannus Muchail. São Paulo: Ed. Loyola Jesuítas, 2011.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático**. Trad. Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2009.

_____. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Trad. Valerio Rohden & Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos & Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. **Crítica da Razão Prática**. Trad. Valerio Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SANTOS, Leonel Ribeiro dos; MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo; PIAIA, Gregorio; SGARBI, Marco & POZZO, Riccardo (Orgs.). **Was ist der Mensch – Que é o homem? – Antropologia, Estética e Teleologia em Kant**. Lisboa: Centro de Filosofia de Lisboa, 2010.

WOOD, Allen W. **Kant**. Trad. Delamar J. Volpato Dutra. Porto Alegre: Artmed, 2008.